

RETÓRICA, ESCRITA E AUTORIA NA ESCOLA: A ESCOLA COMO LABORATÓRIO SOCIORRETÓRICO

Davi Silva Peixoto¹

Doutorando em Língua Portuguesa PUC-SP

FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Retórica, escrita e autoria na escola**. São Paulo: Blucher, 2018.

Organizado pelo Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira e composto por doze capítulos escritos por pesquisadores do Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), o livro *Retórica, escrita e autoria na escola* destaca-se ao considerar que a escola é, antes de tudo, um espaço retórico, e os processos de leitura e escrita só fazem sentido quando compreendidos como ações sociais persuasivas, situadas em gêneros, auditórios e contextos históricos. A Retórica não é vista aqui como um simples adorno ou técnica. Ao contrário disso, os autores a reposicionam como fundamental ferramenta no ensino de língua ao articularem Retórica Clássica, Nova Retórica e Sociorretórica cujo longo caminho vai da sala de aula do ensino básico ao superior.

A obra reúne, estrategicamente, doze textos nos quais a reflexão constrói uma progressão conceitual bastante nítida, pois parte dos fundamentos aristotélicos (*ethos, pathos, logos*; sistema retórico), passa pela teoria social dos gêneros (Bakhtin, Miller, Bazerman) e concatena os pressupostos teóricos em propostas concretas de intervenção didática com redações escolares, memes, tiras, textos do ENEM, artigos acadêmicos e biografias. O leitor encontra um painel coeso sobre como escrever, ler e ensinar sob o viés retórico-argumentativo.

Como já dito, o livro apresenta uma progressão conceitual sólida. Já nos primeiros capítulos seus autores oferecem o alicerce teórico da coletânea. Navarro e Sbroggio, em *O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita sob o viés retórico-argumentativo*, defendem que a sala de aula é, por si só, um contexto retórico, afinal, toda prática de leitura e escrita se organiza em torno de um auditório, de propósitos e de situações de uso. Tarefas escolares artificiais são substituídas ou transformadas em

¹ Endereço eletrônico: davipei@gmail.com

situações reais de comunicação que permitem gênero, propósito e contexto atuarem como elementos base na promoção efetiva de condições de autoria.

Na sequência, em *A dimensão da escrita na escola*, nas palavras de Ferreira, a escrita é, por natureza, um ato persuasivo, porém a escola tende a supervalorizar a correção linguística focada em uso correto da vírgula, por exemplo, o que implica no empobrecimento do ato persuasivo. É preciso um olhar que retome as provas retóricas (*ethos, pathos, logos*) juntamente com o sistema retórico (*inventio, dispositio, elocutio, memoria, actio*), o que levaria o foco da discussão para quem se escreve, com que propósito e a partir de quais argumentos.

Quintiliano, Bakhtin, Perelman e Carolyn Miller serviram de base para as reflexões de Sayeg-Siqueira, em *Teoria social da retórica*. Nesse capítulo, o autor faz o movimento de passagem da Retórica Clássica à teoria social dos gêneros. O texto, em sua visão, consolida a ideia de que o gênero de discurso é uma ação social tipificada, que medeia o individual e o comunitário, além de organizar a participação do sujeito em comunidades retóricas. Essas contribuições dão corpo teórico ao que os capítulos anteriores já anunciam: não há ensino de escrita relevante sem compreender o gênero como forma de intervenção na vida social.

O resultado a que se chega após os três capítulos é um tripé conceitual que considera a escola como espaço retórico; a escrita como ato persuasivo situado e o gênero como ação social mediadora entre sujeito e comunidade.

Na esteira reflexiva, o livro migra da fundamentação teórica para uma espécie de engenharia pedagógica do ensino de escrita. Em *O ensino de produção textual com foco no processo: a versão textual da ação retórica*, Mesquita e Flocco propõem um olhar focado no processo de escrita, pois alinharam etapas didáticas às fases do sistema retórico: planejar (*inventio*), escrever (*dispositio*), revisar (*elocutio*) e editar/socializar (*actio*). Aqui o professor tem condições para assumir um papel menos “caça-erros” e mais intérprete e coautor, ao mesmo tempo em que devolve ao aluno a responsabilidade pelo próprio texto ao longo de reescritas sucessivas e leituras pelos pares.

Piovezan e Piovezan, em *Autoria e retórica em produções escritas na escola*, corroboram ao aprofundarem o eixo da autoria pelo sistema retórico aristotélico, pelos gêneros bakhtinianos e pela sociorretórica de Bazerman que podem ancorar uma escrita que deixe de ser mera “resposta a comando escolar” e se converta em tomada de posição.

O capítulo em questão ganha especial atenção quando os autores analisam cartas argumentativas e evidenciam, empiricamente, algo que muitas vezes fica só no discurso: instruções contextualizadas e situações de escrita com destinatário real produzem textos mais autorais, com maior unidade de sentido, marcas de posição, polifonia e criatividade.

Em *Sociorretórica: da leitura e da escrita para além do contexto escolar*, a proposta de Vidal e Moura se amplia: a sequência didática baseada em textos do cotidiano e transposição de gêneros (de notícias a crônicas, de publicidade a artigos de opinião) mostra como o sistema retórico pode nortear uma escrita socialmente reconhecível que rompe com a artificialidade da “redação para o professor”. Leitura, discussão, *inventio* coletiva, planejamento, escrita, revisão em pares e socialização compõem um quadro metodológico coerente com a teoria apresentada nos capítulos iniciais.

Nessa parte da obra, o livro mostra sua principal força didática: não se limita a defender uma “retórica na escola” em tese, mas aponta caminhos concretos para que o professor operacionalize auditório, gênero, finalidade e processo em situações de sala de aula.

Do meio para o fim, a coletânea desloca o foco para gêneros emergentes e multimodais ao tensionar a retórica em ambientes digitais e visuais. Em *Desvendando os memes*, o meme é tomado como gênero retórico multimodal, opera na *doxa* e na verossimilhança, com forte carga intertextual e alto teor persuasivo. Ribeiro e Freitas analisam a construção de *ethos*, *pathos* e *logos* em um meme político, bem como propõem um percurso metodológico que vai da leitura à produção de textos argumentativos. O capítulo demonstra que o meme não é mero “recurso motivacional”, mas um artefato retórico complexo, capaz de alimentar a *inventio* dos alunos.

Cunha e Prada, em *Reflexões sobre a relação palavra imagem em processos de leitura e produção escrita: uma proposta com tiras da Turma do Xaxado*, articulam Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen) e sociorretórica para tratar da leitura crítica de tiras que tematizam desigualdades sociais. A exploração das metafunções representacional, interacional e composicional mostra como a imagem também argumenta, convoca emoções e constrói *ethos*. Ao propor que esse percurso desemboca em produções escritas mais refinadas, o capítulo reforça a tese de que o processo de escrita, hoje, precisa ser multimodal e crítico, e que a retórica oferece vocabulário e método para isso.

Do ponto de vista da coerência interna do livro, esses capítulos mostram que o aparato retórico-sociorretórico não se restringe à redação escolar canônica, mas é capaz de interpretar e orientar a produção em gêneros que circulam fortemente no cotidiano juvenil.

Os capítulos seguintes retornam à escrita argumentativa escolar e acadêmica, agora com foco explícito na construção de teses e na organização global dos textos. Em *Estratégias sociorretóricas na construção de textos argumentativos*, a ênfase recai sobre a *dispositio*: exórdio, narração, proposição, partição, argumentação e peroração que são reinterpretados por Tavares e Magri como partes de um texto dissertativo-argumentativo. Não se trata de aplicar um esquema rígido, mas de **reconstruir a situação retórica e propor ao leitor uma adesão possível**, e não uma verdade absoluta.

Em *Motivos: uma análise da prova de redação do ENEM*, o foco incide sobre a motivação retórica da redação como gênero deliberativo de alta relevância social. Ao reconstruir papéis de orador ideal e auditório avaliador, bem como a evolução das instruções oficiais, o capítulo mostra que a redação do ENEM é um problema retórico bem delimitado: exige tese sobre tema controverso, mobilização de conhecimentos interdisciplinares, proposta de intervenção e respeito a um conjunto de valores (direitos humanos). A contribuição de Melati aqui é dupla: de um lado, desnaturaliza a prova e expõe sua configuração retórica; de outro, fornece critérios para diferenciar textos medianos de textos excelentes pela capacidade de ajustar motivo, gênero e auditório.

Finalmente, em *Ensino da produção de artigo acadêmico: uma abordagem sociorretórica e Biografismo e retórica: a escrita biográfica no ensino superior* os autores deslocam a discussão para o ensino superior. O primeiro aplica a sociorretórica ao artigo acadêmico, introduz o layout do argumento de Toulmin e discute competências como comunicação escrita, pensamento crítico e decisão. Magalhães, ao articular estudo de caso, processo em etapas e discussão de plágio, mostra que o artigo não é só um “formato ABNT”, mas um gênero que exige solidez argumentativa, *ethos* científico e consciência de campo.

O capítulo sobre biografismo, por sua vez, retoma a questão da identidade e alteridade no gênero biográfico ao explorar *topoi* aristotélicos e categorias como identidade pessoal e social. Santos e Matos orientam que a análise dos lugares-comuns acionados pelos alunos para construir a imagem do biografado (qualidade, valor da

pessoa, essência, existência) evidencia como a retórica estrutura a veridicção e o elogio em textos aparentemente simples, e recoloca a escrita biográfica como espaço privilegiado de construção de *ethos* e autoria.

Do ponto de vista global, *Retórica, escrita e autoria na escola* apresenta várias qualidades que o tornam referência sólida para quem trabalha com ensino de língua, letramento e escrita acadêmica:

- há uma coerência temática potente: todos os capítulos convergem para a articulação entre retórica, sociorretórica e ensino;
- a progressão dos textos é pensada, parte do mais teórico e segue ao mais aplicado, e do ensino básico ao superior;
- a obra combina conceituação rigorosa (Aristóteles, Perelman, Bakhtin, Miller, Bazerman, Kress & van Leeuwen, Toulmin) com descrições de práticas pedagógicas e dados empíricos;
- o livro dialoga com problemas concretos da escola brasileira: artificialidade das tarefas de escrita, foco excessivo na correção, resistência à produção textual, plágio, ENEM como dispositivo avaliativo central.

A coletânea oferece um mapa consistente da presença da retórica na escola contemporânea ao reabilitar um campo historicamente estigmatizado e mostra sua potência para pensar autoria, participação, argumentação e letramento multimodal em diferentes níveis de ensino. Para pesquisadores e professores interessados em articular teoria retórica e prática pedagógica, o livro não é apenas uma referência bibliográfica: é um guia de percurso, que vai da filosofia da linguagem às propostas concretas de sala de aula, e da redação escolar ao artigo acadêmico.